

Zaratustra de Nietzsche como experimento de linguagem – limites entre filosofia e literatura

Marcus José Alves de Souza *

Resumo

O presente artigo busca inter-relacionar literatura e filosofia a partir da obra de Nietzsche *Assim falava Zaratustra*. Após uma definição inicial dos conceitos, procura-se fazer uma reflexão sobre a filosofia de Nietzsche tendo como ponto focal a referida obra, colocando-a, primeiramente, dentro dos quadros das obras nietzschianas, especialmente *O nascimento da tragédia* e, em seguida, procura-se avaliar as características da obra em questão, entendendo-a como um experimento de linguagem, em que o filósofo tenta expressar suas noções filosóficas de modo narrativo-poético. Tal experimento coloca noutra patamar as fronteiras conceituais tradicionais de filosofia e literatura, estabelecendo uma zona fértil de contato e fluidez conceituais, o que torna possível novas compreensões do significado de ambos conceitos.

Palavras-chave: Filosofia; literatura; Nietzsche; narrativa-poética; conceito.

Abstract

This article intends to interrelate Literature and Philosophy from Nietzsche's *Thus spoke Zarathustra*. After an initial definition of the concepts, here in this work it is made a reflection about Nietzsche's Philosophy having as a focal point the referred book, putting it, firstly, inside the set of nietzschian's works, specially, *The birth of Tragedy* and, following, it is made an evaluation of the characteristics of the work in question, understanding them as an experiment of language, in which the philosopher tries to express his philosophical notions in a poetical-narrative way. Such experiment puts in another level the traditional conceptual boundaries of Philosophy and Literature, establishing a fertile zone of contact and conceptual fluidities, making possible new comprehensions of the meaning of both concepts.

Keywords: Philosophy; Literature; Nietzsche; poetical-narrative; concept.

* Mestre e doutorando em Filosofia e professor de Filosofia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

“Fala-me, ó Musa, do homem de talento multiforme que tanto vagueou após haver destruído a sagrada fortaleza de Tróia, viu numerosas cidades, conheceu a índole de homens vários, e muito sofreu sobre o mar quando buscava o meio pelo qual ele e os companheiros poderiam manter-se vivos e voltar à pátria. Mas eles, insensatos, comeram os bois do Sol Hiperônio, que lhes dificultou o dia de regresso. Ó Deusa, filha de Zeus, narra a mim estes fatos, e começa por onde tu quiseres.” (Homero. Odisséia.)

O presente artigo é uma modesta reflexão sobre o livro *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche, tendo como foco de reflexão as fronteiras entre a filosofia e a literatura. A pretensão é mostrar como esses conceitos são problematizados nesta obra. Mostrar como, dentro dos quadros nietzschianos, que dilui noções tradicionais e moralizadas, filosofia e literatura se confundem.

Os versos escolhidos para epígrafe são do início da *Odisséia*, de Homero. Eles parecem indicar duas características específicas da literatura em seu nascimento, que, de certo modo, permaneceram como características tradicionais na definição da noção de literatura: 1) a literatura nasce sob a inspiração de uma musa e 2) essa musa ajuda a narrar a história de um herói.

Tomando essas duas características, pode-se afirmar que a literatura nasce sob a égide da inspiração poética, simbólica, ou mesmo, mítica, expressa pela figura da musa. A literatura, como manuseio da linguagem, se configurou na afirmação do significado simbólico das palavras e sentenças. A técnica de domínio da linguagem se constituiu pela afirmação da multiplicidade semântica das palavras, sentenças, discursos. A variedade interpretativa, própria do símbolo, implica um não controle exaustivo e rigoroso do significado do que é expresso. Essa variedade semântica coloca em xeque a capacidade desse discurso de dizer a verdade. A tentativa de controle exaustivo tem como consequência, em geral, a perda de significações simbólicas do texto literário. De fato, esse não controle ou essa possível sobreposição significativa colocou a literatura nos quadros do ficcional, do não-real, do imaginário, estabelecendo, assim, pela contraposição, uma disposição de dois tipos de discurso, o ficcional e o verdadeiro.

A primeira característica extraída dos versos indica todo o bojo semântico da noção de literatura como poesia, símbolo, ficção.

A segunda característica é que a literatura nasce como narrativa, como constituição de uma trama significativa de eventos ou feitos de alguém. Na sua origem, a literatura narra os feitos dos heróis. Pode-se dizer que a literatura, a despeito das experiências líricas pós-Homero, é, antes de tudo, narrativa. A perspectiva, a meta, é a narrativa de acontecimentos fictícios ou, ainda, a ficção sobre possíveis acontecimentos reais (afinal, é a musa que ajuda a contar a história do herói). O que não faz da narrativa verídica, mas, no máximo, verossímil, isto é, possivelmente verdadeira.

Tendo como parâmetro genérico essas duas características, pode-se dizer que a noção de filosofia foi concebida como um tipo de discurso antípoda ao discurso literário. Toda contraposição tradicional entre mito e filosofia dá a dimensão dessa oposição.

A filosofia, já no seu processo de institucionalização, buscou desvincular-se do caráter de inspiração poética. Ao invés do simbólico, a filosofia cultivava-se – ou cultivava-se – pelo controle do significado das palavras e sentenças, controle constituído pela afirmação do conceito, em termos semânticos, e pela afirmação da argumentação, em termos lógico-sintáticos. A filosofia não quis se constituir como um discurso multi-interpretativo, a despeito de todas as problemáticas hermenêuticas suscitadas no interior da tradição filosófica pela discussão dos textos dos filósofos. A filosofia quis se configurar num discurso lógico-racional, conceitualmente sistemático, totalmente pensado e repensado para ter controle do significado e expressar o real.

O real não é o histórico, não é a sequência de acontecimentos concretos, mas a abstração das características históricas e o encontro com a forma do real, estável e eterna. Somente o discurso lógico-conceitual, articulado por uma justificação também lógico-conceitual, pode expressar o real. A forma discursiva mais bem-acabada dessa pretensão é o tratado. Na prosa tratadística, os conceitos são expostos com rigor lógico, formando um edifício conceitual racionalmente justificado. Seria o discurso que expressaria o núcleo fundamental do real, logo, sempre verdadeiro.

Na contraposição tradicional entre filosofia e literatura, a filosofia se preocuparia com o real, eterno e universalmente verdadeiro, materializado no tratado, dado pelo domínio semântico e sintático da linguagem. A literatura se preocuparia com o ficcional ou, no máximo, com o verossímil, constituído por um discurso narrativo, estruturado pela dimensão simbólica das palavras, estabelecendo uma multiplicidade semântica.

Trilhas Filosóficas

Além disso, a literatura, dadas as suas características mais “palatáveis”, poderia ter uma utilidade para a filosofia. Serviria como instrumento pedagógico da filosofia e como alegoria de conceitos filosóficos. Teria a função de dar uma configuração mais simples a determinadas ideias complexas dos filósofos, no limite, um mero instrumento de *marketing* filosófico visando sua popularização. Afinal, ler a trilogia de Sartre é mais fácil do que ler *O ser e o nada*, ler o *Cândido* de Voltaire é mais simples do que ler seu *Tratado de Metafísica* ou suas *Questões sobre a Enciclopédia* ou os duros livros de Leibniz.

A constituição desse quadro diferenciador das noções de literatura e filosofia tem um caráter generalista e, como tal, esconde algumas especificidades e exagera em outras. Isso torna essa caracterização questionável tanto por aqueles que fazem literatura como por aqueles que fazem filosofia. A rigor, essa caracterização tem papel retórico em minha argumentação, exatamente para demonstrar o caráter questionável dela. Exatamente nesse bojo questionador insere-se a filosofia de Nietzsche e seu experimento *Assim falava Zaratustra*.

Nietzsche é um pensador interessante, um filósofo controverso. Para muitos, tido como um pseudofilósofo, no máximo, um literato, um poeta, um artista da linguagem; para outros, um grande modelo de filósofo, alguém que leva ao limite as possibilidades do pensamento. Sem entrar no mérito de tais perspectivas, o importante é destacar que elas só o credenciam como um pensador realmente frutífero para pensar a problemática em questão.

As pretensões filosóficas de Nietzsche seriam as de romper com as dicotomias cristalizadas pela tradição lógico-moral oriundas do platonismo e do cristianismo para assim afirmar o *status* trágico, não metafísico-moral, da filosofia, do pensamento. A tragicidade é uma noção surgida no seio da literatura, como expressão poética de aspectos e sabedorias fundamentais da realidade humana. Tal noção materializava-se na atuação teatral de narrativas (drama); essa atuação expressaria elementos fundamentais da vida. A tragicidade não pressupõe um eixo definido, um ponto arquimediano, um ser, um fundamento último da realidade, mas lança a totalidade numa dimensão fluida, indeterminável. Nietzsche já estabelece uma ruptura de fronteiras ao eleger um conceito tradicionalmente literário para constituição de sua filosofia. A tragicidade é um aspecto que não pode ser perdido de vista para a compreensão do pensamento de Nietzsche. Outro aspecto importante nesta discussão é que Nietzsche foi um filólogo, um homem das letras.

A linguagem sempre foi uma grande preocupação filosófica nietzschiana; assim, pensamento e linguagem, sob um viés trágico, deveriam

expressar um todo, não dicotomias. Quem já leu Nietzsche sabe que os seus experimentos com a linguagem, que foram vários, expressam sua tentativa de romper com as dicotomias da tradição, seja na forma, seja no conteúdo. *Assim falava Zaratustra* parece ser o livro, o experimento criativo de Nietzsche que, sob esses pressupostos, pode ajudar a pensar mais claramente os limites entre filosofia e literatura, ou, quem sabe, problematizá-los radicalmente.

“*Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*” é uma obra *sui generis* se comparada com as outras obras de Nietzsche; não houve outra igual em estilo. É uma obra construída na forma narrativo-poética. Pensando em termos tradicionais, é o livro menos “filosófico” de Nietzsche. Um livro confuso, cheio de desencontradas narrativas, entrecortado por discursos e acontecimentos, por vezes, desconexos. Olhado de fora, um livro que em nada lembra um tratado filosófico à moda aristotélica ou espinosiana, muito menos pode ser facilmente encarado como uma obra literária. Olhado por dentro, ou seja, percebendo e colocando a obra no contexto das outras obras e, sobretudo, no contexto das noções fundamentais do pensamento de Nietzsche, talvez seja seu livro mais “filosófico”, exatamente por querer fazer filosofia mediante elementos que fugiam da forma tradicional de fazer filosofia, o que o torna também, ainda sob um viés tradicional, o mais literário livro de Nietzsche. Entretanto, percebe-se que as coisas não são tão simples assim e esses adjetivos perdem o definido contorno no seu pensamento.

Assim, *Zaratustra*¹ insere-se no projeto filosófico de Nietzsche, e essa inserção se faz mais clara quando articulada com o primeiro livro de Nietzsche, *O nascimento da Tragédia*, no qual o jovem Nietzsche afirmava a necessidade de se expressar não por conceitos, mas por figuras significativas. *Zaratustra* ergue-se também como uma figura, agora aportada no conjunto de reflexões do Nietzsche maduro, alguém que, longe da academia e dos seus grandes mestres, quis afirmar seu próprio pensamento.

Em *Ecce Homo* (Nietzsche, 1995, p. 62; §1) ele diz que duas decisivas novidades se encontram em *O nascimento da Tragédia*: a) a “compreensão do fenômeno dionisíaco nos gregos...”; e b) a compreensão do socratismo como fenômeno de dissolução do grego, de decadência do dionisíaco, na qual se afirma a “‘Racionalidade’ contra o instinto”. E sobre *Zaratustra*, Nietzsche, também em *Ecce Homo* (p. 88; §3), afirma: “Meu conceito de ‘dionisíaco’ tornou-se ali *ato supremo*...”. Pois bem, *Zaratustra* é uma tragédia, não um livro *sobre* a tragédia, como *O nascimento da Tragédia*; por isso, “Esta

¹ *Zaratustra*, em itálico, diz respeito ao livro. Quando em letras normais do corpo, diz respeito à personagem.

obra tem lugar à parte”, apesar de ambas pretenderem a mesma coisa, isto é, afirmar o fenômeno trágico valorizando imagens significativas, fazer a crítica aos princípios lógico-morais da modernidade e fazer a afirmação de sua possível superação.

O nascimento da Tragédia foi um experimento filológico-acadêmico de Nietzsche, no qual tentou:

- a) resgatar as intuições trágicas clássicas, expressas nas figuras paradigmáticas do apolíneo e do dionisíaco;
- b) explicar o processo de “morte” dessas intuições trágicas com a moralização socrática;
- c) mostrar que, no limite dessa morte, na afirmação da moralização socrática, com seus equívocos e ilusões, gerou-se outro fenômeno, o niilismo, o pessimismo diante da vida;
- d) expressar a esperança em novas formas de superação desse pessimismo, a saber: a música de Wagner e a filosofia de Schopenhauer.

A pretensão de Nietzsche com *O nascimento da Tragédia* era de inaugurar, pela filologia, uma crítica diferente ao espírito racionalista da modernidade pelo viés trágico. Para ele, única forma de livrar o homem moderno do pessimismo negador da vida, o qual, já nesse momento, é percebido em várias expressões da organização da sociedade.

Porém Nietzsche não foi compreendido nas suas pretensões filológicas, sobretudo pelos seus pares. Quinze anos depois, ao escrever um novo prefácio, que ele chamou de “Tentativa de Autocrítica”, Nietzsche faz algumas constatações críticas sobre a obra, e uma delas aproxima *O nascimento da Tragédia* de *Assim falava Zaratustra*: existe uma contradição entre conteúdo e forma expressiva no livro – não uma contradição lógica, em sentido estrito, mas uma contradição que se poderia chamar de “intencional”, no sentido de que existe uma intenção de fundo no livro, mas não cumprida em plenitude. Qual é essa intenção?

Entender “os profundos ensinamentos secretos de sua visão de arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses” (Nietzsche, 1992, p. 27; §1), ou seja, entender a arte, não só a arte, mas todo o processo de desenvolvimento cultural ocidental, por figuras significativas: Apolo e Dionísio. Com elas, na interpretação nietzschiana, se inaugurou a tragédia na Antiguidade. Nietzsche quer reinaugurá-la na modernidade, como instrumento interpretativo da realidade cultural ocidental.

Mas o livro em sua forma não faz isso, e Nietzsche o confessa na sua autocrítica:

Aqui falava em todo caso – isto se confessava com curiosidade e, não menos, com aversão – uma voz *estranha*, o discípulo de um “deus desconhecido” ainda, que por enquanto se escondia sob um capucho do douto, sob a pesadez e a rabugice dialética do alemão, inclusive sob os maus modos do wagneriano, [...] uma espécie de alma mística e quase menádica que, de maneira arbitrária e com esforço, quase indecisa sobre se queria comunicar-se ou esconder-se, como que balbuciava em língua estranha. Ela devia cantar, essa “nova alma” – e não falar! É pena que eu não me atrevesse a dizer como poeta aquilo que tinha então a dizer: talvez eu pudesse fazê-lo. (Nietzsche, 1992, p. 4-5; “Tentame de autocrítica”, §3)

A contradição é exatamente esta: um livro que pretendeu ser uma tentativa crítica por meio de figuras significativas, que possuía fundamentos de uma percepção trágica, deveria expressar-se também no mesmo estilo, deveria ser poeticamente cantado, não deveria ter um estilo tratadístico. *O nascimento da Tragédia* é um livro conceptual, acadêmico, racional na sua forma, o que talvez tenha encoberto seu conteúdo.

Se a tragédia nasce do coro e morre porque perde o espírito da música, ao ser subordinado ao conceito, um livro como *O Nascimento da Tragédia*, ao pretender demonstrar conceitualmente essas duas teses, não estaria, do ponto de vista da forma de expressão, mais próximo do racionalismo socrático do que da poesia trágica, mesmo que tivesse a intenção de se posicionar ao lado desta última? Que validade poderá ter uma crítica total da razão feita a partir da razão? Que sentido poderá ter apelar para a razão contra a razão? (Machado, 1997, p. 17)

A contradição reside no fato de ser um livro contra o absolutismo da razão, que quer falar de um pensamento diferente, do pensamento trágico, cuja forma mais apropriada é a música, e Nietzsche faz isso por meio de *conceitos* – daí a “pesadez e a rabugice dialética do alemão”, idéias expressas em “maus modos do wagneriano”. A forma de expressão de *O nascimento da Tragédia* não está em acordo com as pretensões explícitas de Nietzsche, apesar de que, mesmo disfarçado, o pensamento trágico estava lá, como foi notado por alguns.

Tal contradição intencional Nietzsche procurará sanar com *Assim falava Zarathustra*. Isso, depois de um processo de amadurecimento vital e reflexivo, que gerou nele uma série de noções novas e críticas, todas desenvolvidas sob a noção do trágico, que, portanto, deveriam ser expostas

Trilhas Filosóficas

de forma diferente. *Zaratustra* mostra-se como a tentativa mais ousada de Nietzsche de expressar suas concepções. Ousadia que vem em decorrência de novas necessidades desse novo conjunto de descobertas, mas cujo filão original já havia sido descoberto anteriormente. Os limites entre as compreensões tradicionais de filosofia e literatura começam a ruir...

No livro de fragmentos, conhecido como *O livro do filósofo*, na dissertação “O Último Filósofo: considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento”, de 1872, Nietzsche já traçava características dessa nova forma de pensamento:

O filósofo do conhecimento trágico. Domina o instinto incontido de conhecimento, mas não por meio de uma nova metafísica. Não estabelece nenhuma crença nova. Sente tragicamente que perdeu o campo da metafísica, todavia o torvelinho enovelado das ciências não pode satisfazê-lo. Trabalha para construir uma vida *nova*: restabelece os direitos da arte. [...] O instinto de conhecimento, atingindo seus limites, volta-se contra si próprio, para chegar à *crítica do saber*. O conhecimento a serviço da vida torna-o melhor. É preciso *querer* até a ilusão – nisto consiste o trágico. (Nietzsche, 1987, p. 8; §37)

Pois bem, é esse filósofo trágico que o personagem Zaratustra tenta expressar. Portanto, o livro *Assim falava Zaratustra* é um experimento de linguagem que segue as indicações filosóficas expressas em *O nascimento da Tragédia*, a saber, levar a filosofia para além da razão e da moral oriunda daquela, fazer com que a filosofia *racional* se torne *trágica*. E qual forma Nietzsche escolheu e que melhor expressaria esse pensamento? *A narrativa dramático-poética*.

Narrar a história das peripécias de um personagem, numa sequência de fatos e discursos em que esse personagem vai sendo construído: “Tudo ocorre de modo sumamente involuntário, mas como que em um turbilhão de sensação de liberdade, de incondicionalidade, de poder, de divindade...” (Nietzsche, 1995, p. 86; sobre *Zaratustra*, §3). Os acontecimentos, sobretudo os que, refletidos na solidão, mostram os conceitos principais da filosofia de Nietzsche – da mesma forma eles se apresentam direta ou indiretamente nos discursos ou atitudes, nos fatos vividos ou relacionados com Zaratustra. Nihilismo, vontade de poder, transmutação de todos os valores, eterno retorno, Além-homem, todas as noções fundamentais da filosofia nietzschiana são expostas de forma plástica, por imagens ou falas relacionadas com imagens. O livro, de fato, é formado por falas, discursos, diálogos na sua maioria, mas é uma linguagem cheia de imagens e, ao mesmo tempo, relacionada com situações que dão mais força e riqueza às

palavras dos personagens, que, por sua vez, conferem maior dinamicidade e clareza às próprias noções da filosofia de Nietzsche. Parece que filosofia e literatura se encontram.

O “trágico nietzschiano”, entendido dentro das noções da filosofia de Nietzsche não mais pura e simplesmente como os gregos entenderam o trágico, é o processo do próprio Zaratustra, pelo qual as dicotomias ilusórias construídas pelo Ocidente platônico-cristão são abolidas. Como na tragédia grega, o apolíneo e o dionisíaco são unificados no êxtase musical. O ensaio nietzschiano de *Zaratustra* tenta realizar uma nova unificação trágica pela narrativa metafórica.

Essa dimensão trágica, propriamente nietzschiana, é expressa na própria estrutura narrativa da obra, na qual Zaratustra, apolineamente convicto da sua missão de anunciar o Além-homem, descoberta feita na solidão, na “vida do bosque”, parte para o encontro com o povo e é rejeitado, numa experiência altamente frustrante. Porém, com o que já conhece da vida, vai seguindo seu trajeto. O caminho descoberto é o da seletividade, pessoal ou com os seus discípulos, e nesse processo seletivo, solitário até, vai descobrindo e vivendo o sentido trágico da vida. É então que descobre novas coisas, ou mesmo aprofunda as já conhecidas; enfrenta o niilismo de variadas formas; testa sua vontade de poder diante das frustrações e do mal-estar que o povo e até mesmo os homens superiores lhe causam; descobre estratégias para transmutar os valores, evitando certas atitudes, não se envolvendo com determinados tipos de pessoas, discernindo nos discursos as artimanhas do espírito niilista. E tudo isso somente cria condições para o Além-homem. A dificuldade de Zaratustra de encontrar uma linguagem apropriada para todas essas descobertas e experiências incrementa ainda mais a tragicidade. Tal linguagem é ensaiada pouco a pouco, e só ao final do livro é que ganha contornos mais claros, ganha contornos musicais. Ou seja, de um personagem predominantemente apolíneo, Zaratustra vai interagindo com a vida, aprofundando sua sabedoria, descobrindo novos elementos dessa sabedoria, o que faz que ele se torne tragicamente unificado, com a afirmação do dionisíaco.

Assim, *Zaratustra*, na sua forma narrativa dramática, quer expressar também a tragicidade, na qual um personagem emblemático reproduz de forma afirmativa, na sua atuação, a possibilidade de superação dos engodos lógico-morais pela efetivação do Além-homem.

O jogo constante de imagens, tanto na estrutura narrativa como no conteúdo discursivo do livro, produz um sentimento dinâmico que gera um novo tipo de percepção, de pensamento, um novo tipo de “conceituação”. Tudo se torna simbólico, imagético, e com isso cria-se uma trama

Trilhas Filosóficas

“conceitual” de imagens, tendo como eixo articulador a figura de Zaratustra, quase uma categoria filosófico-imagética, veiculadora das noções-imagem da filosofia trágica de Nietzsche.

Involuntariedade da imagem, do símbolo, é o mais notável; já não se tem noção do que é imagem, do que é símbolo, tudo se oferece como a mais próxima, mais correta, mais simples expressão. Parece realmente, para lembrar uma palavra de Zaratustra, como se as coisas mesmas se acercassem e se oferecessem como símbolos. (*loc. cit.*)

A música para Nietzsche traz a originalidade vital do pensamento, que deve ser produzido não como frios conceitos, mas por imagens significativas. Essa é a experiência de Zaratustra, essa é a experiência que Nietzsche quer proporcionar.

Esta é a minha experiência de inspiração; não duvido que seja preciso retroceder milênios para encontrar alguém que me possa dizer: “é também a minha”. (*loc. cit.*)

A palavra abrange apenas uma imagem, e desta vez o conceito. Então o pensamento contém grandezas artísticas.

Toda a denominação constitui uma tentativa de chegar à imagem.

Nossa ligação com todo ser verdadeiro é superficial. Falamos a linguagem do símbolo, da imagem, a seguir nós lhes acrescentamos qualquer coisa com uma força artística, reforçando os traços principais e omitindo traços secundários. (Nietzsche, 1987, p. 17, §55)

Três parecem ser os elementos que Nietzsche quer unificar no seu *Zaratustra*, no que diz respeito a sua linguagem poético-musical, que se aproximam daquilo que chamamos literatura:

- a) a música que suscitaria as paixões, os sentimentos;
- b) a poesia que suscitaria as imagens;
- c) a dinamicidade do fluxo de ambas, simbolizada na “dança”, no fluxo e refluxo das palavras, imagens e sentimentos: a vida expressa.²

A filosofia de Nietzsche com esses três elementos ganhou materialidade no *Zaratustra*.

² Aqui se pode perceber uma semelhança dessa interpretação das estruturas de *Zaratustra* com os conceitos de melopeia, logopeia e fanopeia de Ezra Pound (1977).

Não há sabedoria, pesquisa da alma ou arte do discurso antes do Zaratustra: o mais imediato, o mais cotidiano fala de coisas inauditas ali. A sentença fremente da paixão; a eloquência tornada música; raios arremessados adiante, e ainda insuspeitos. A mais poderosa energia para o símbolo até aqui existente é pobre brincadeira, *frente ao retorno da linguagem à natureza mesma da imagem*. [grifo meu] [...] O elemento alciônico, os pés ligeiros, a onipresença de malícia e petulância, e o que mais por típico do tipo Zaratustra, isso jamais se sonhou como essencial à grandeza. Precisamente nessa extensão de espaço, nessa acessibilidade aos contrários, é que Zaratustra se sente como *a forma suprema de tudo o que é*, e ouvindo como ele a define, renuncia-se a procurar seu símile. (Nietzsche, 1995, p. 89; sobre *Zaratustra*, §6)

Parece que Nietzsche conseguiu realizar melhor suas antigas pretensões com *Zaratustra*. Melhor, pois mais “coerente”; basta ver o destaque que ele mesmo dá a essa obra, bem como todos os elementos que foram colocados aqui para desenvolver as noções do livro. Pode-se ainda incrementar a discussão questionando se este livro poderia ser escrito de forma diferente. Penso ser essa uma questão ainda esclarecedora na reflexão sobre filosofia e literatura.

Como primeiro patamar de resposta a essa questão deve-se ter em mente as teses básicas da compreensão da linguagem de Nietzsche. Para ele, existe uma incapacidade estrutural de a linguagem dizer das coisas. E mais, a univocidade não existe na linguagem. Não existe uma articulação clara e precisa entre linguagem e coisas. Portanto, por um prisma geral da filosofia nietzschiana, a resposta é indiferente, pois é uma pergunta sem sentido fundamental. Porém, deve-se encarar o *Zaratustra* como um experimento linguístico. E como todo experimento guarda em si um grau de ousadia, Nietzsche quer fazer uma ousadia com a linguagem, ousar chegar aos limites da linguagem. Romper os limites que foram determinados à linguagem poética e à filosófica. Aqui a ideia de experimento como procedimento de verificação é interessante para ser pensada. Agora sim, a questão volta a ter relevância e pode contribuir para pensar a problemática da relação filosofia e literatura, porque da mesma forma que com o aforismo, com a forma narrativo-poética Nietzsche quer colocar no limite as pretensões da linguagem filosófica, quer que ela supere as limitações ou, pelo menos, que o pensamento fique ciente da existência desses limites morais, experimentando-os. Seria como se a linguagem também devesse se rebelar diante das pretensões que se colocaram sobre ela e expressar algo novo, de modo diferente. Expressar uma universalidade vital. Talvez *Zaratustra* seja a pretensão mais coerente para com os elementos vitalistas da filosofia de

Trilhas Filosóficas

Nietzsche, mais de acordo com suas intuições trágicas iniciais sobre a linguagem, sobre a filosofia.

Para expor isso mais claramente, é necessário chamar à discussão o outro experimento linguístico de Nietzsche, em termos de forma, o aforismo, e compará-lo com a forma expressiva de *Zarathustra*.

O que caracteriza o aforismo é a sua fragmentariedade estrutural, na qual a linguagem não tem pretensão de esgotar a realidade, nem de colocá-la nas malhas racionais do sistema. A assistemática parece ser a percepção fundamental dessa realidade de forma linguística. Mas é interessante lembrar que a assistemática não significa particularidade ou desarticulação absoluta. A “universalidade” do aforismo, bem como sua sistematicidade, se dão em termos do fenômeno fundamental da vida. É que a universalidade vital, que o filósofo quer expressar com o aforismo, não funciona sob os mesmos mecanismos conceituais da linguagem filosófica tradicional.

Porém, em *Zarathustra*, parece que a fragmentariedade aforística se perdeu, concedendo à narrativa o papel de, pelos fatos, pela sequência dos acontecimentos da *vida* de Zarathustra, expressar a universalidade vital. A trama dos acontecimentos dá o significado vital profundo de universalidade. Parece que Nietzsche abre mão da linguagem aforística, fragmentária, como expressiva de seu pensamento vitalista trágico. Ou seja, na própria estrutura narrativa das vivências do paradigmático Zarathustra estariam já afirmados os elementos universais da vida. Semelha uma forma simples e fácil de expressar tal proposta de filosofar, redutora até. De fato, Nietzsche não se satisfaz com isso; ele coloca seu personagem principal como um grande “falador”, um orador que tem coisas demais a dizer, mas que não é compreendido. Isso que o move na ação, isso que o faz descobrir novos pensamentos, isso que o força, por vezes, a se calar, ou, por vezes ainda, a cantar. Emblemático que os cânticos se avolumem à medida que a narrativa avança; emblemáticos também são os silêncios e a solidão frequentes de Zarathustra.

Nesse conjunto de falas, talvez a fragmentariedade, própria do aforismo, volte. Os discursos de Zarathustra estão relacionados a contextos da narrativa; por vezes, não. O mais efetivo é que, apesar de terem eles o eixo fundamental na vida, os temas são variados como nos aforismos e se sucedem sem nenhum motivo racional ou sistemático claro. Isso relança o fenômeno da fragmentariedade, que traz a dinamicidade ao pensamento. Mas esse não é único elemento dessa relativa fragmentariedade. “Zarathustra, todavia, também é um poeta”, como ele mesmo se autoproclama: um poeta diferente, um poeta vital, que brinca com as palavras, numa constante mudança de perspectiva, numa constante criação de imagens que se

sucedem, por vezes, de modo desconcertante. Parece que em certos momentos Zaratustra se coloca nas situações, fala coisas que espantam não só os personagens envolvidos na trama, mas até o leitor, e mesmo aquele acostumado com o pensamento de Nietzsche. Isso faz rir, suscita sentimentos, nos torna reflexivos, espanta. A polissemia poética da narrativa faz o pensamento “dançar” sobre as palavras, como ele diz: retoma a inocência roubada pela ilusão da adequação reducionista do racionalismo. Crê-se ser a pretensão de Nietzsche com *Zaratustra*, no qual a fragmentariedade da polissemia dos discursos de temas variados expressa a abertura e a dinâmica da universalidade da vida.

Quando se fala de abertura pode-se pensar que Nietzsche quis dizer qualquer coisa, como um discurso que desse margem a qualquer interpretação, o que significa afirmar que o discurso de Nietzsche é algo vazio, vago, ultrainterpretativo. Ao contrário, Nietzsche tem e quer dizer algumas coisas; tanto quer, que experimenta várias formas para expressar suas ideias. E suas ideias fundamentais são expressas no e pelo jogo de imagens, de palavras, de impactos sensíveis; são tratadas e expostas com clareza plástica, não conceptual. E essa experimentação não foi fruto de uma incapacidade de escrever de forma acadêmica, tratadística. Noutros textos, já expressou essas noções de forma conceitual, e mesmo nos prefácios dos livros, escritos posteriormente, percebe-se um rigor conceitual em termos de expressão de ideias.

Respondendo à pergunta da forma, pode-se dizer que esse conjunto de ideias poderia ser exposto de outra forma – como no caso de *O nascimento da Tragédia*, num exemplo pretérito de tal constatação, da mesma forma isso acontecerá em obras futuras: *Genealogia da moral*, *Para além do bem e mal*, que sob outra forma expressiva “semiaforismática”, ou o ensaio filosófico, trata dos mesmos temas de *Zaratustra*, às vezes até com os mesmos títulos de tópicos. Inclusive, pode-se até constatar maior “clareza” nestes livros, sob o ponto de vista da filosofia tradicional, da linguagem racional, embora igualmente se possa constatar um “mal-estar”, isso sob a ótica da filosofia trágica e vitalista de Zaratustra.

O fato é que, ao se propor fazer filosofia assim, de modo diferente, sobretudo consciente dos limites da linguagem, especialmente da moralização da linguagem filosófica, isso expressa a percepção de Nietzsche de que algo sempre escapa, que não se tem condições de se ser um panóptico de visão objetiva e de raios-X ao mesmo tempo: além de ver todas as coisas, vê-las por dentro. A consciência da existência dessa realidade, por um lado, e da ilusão de controlá-la, por outro, faz com que se busque uma linguagem que possa, de certo modo, dentro das limitações

Trilhas Filosóficas

desta, expressar a dinamicidade do que escapa, a dinamicidade da vida. Eis o propósito de Nietzsche com seu *Zarathustra*. Por esse prisma trágico, *Zarathustra* jamais poderia ser escrito de outra forma. E nesse sentido, *Zarathustra* é mais que um experimento filosófico e mais que um experimento literário, pois aqui esses adjetivos perdem seus sentidos e significados claros.

Esta reflexão quis mostrar a existência de uma zona de contato fundamental e fértil entre filosofia e literatura, tão fundamental e fértil que os pensadores que se dispõem a explorá-la rompem com as dicotomias e as hipostasias cristalizadas pela tradição, até mesmo aquelas marcadas pela rigidez e pouca problematização dos conceitos de filosofia e literatura. Isso faz com que não se esqueça a fluidez, o espanto, a inquietação, a angústia, enfim, aquilo que faz as pessoas falarem. E também lembrar que essas coisas não podem ser faladas de qualquer jeito; é preciso ter um cuidado todo especial, é preciso estar atento à linguagem, a seus limites e a suas possibilidades. Ter ousadia de agir e experimentar formas novas de cultivo. Talvez sejam necessários heróis que da fluidez constroem mundos, experimentações novas. Assim, tanto o literato quanto o filósofo podem ser heróis diante dos limites da linguagem moralizada e, talvez, também por isso a literatura tenha nascido com um herói, e Nietzsche tenha ousado fazer filosofia narrando as peripécias de outro ou, quem sabe, do mesmo herói.

Referências

HOMERO. *Odisséia*. Trad. G. D. Leoni e Neyde R. de Assis. São Paulo: Atena, 1960.

MACHADO, Roberto. *Zarathustra: tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, [s.d.].

NIETZSCHE, Friedrich W. *O livro do filósofo*. Trad. Rubens Eduardo F. Frias. São Paulo: Moraes, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich W. *O nascimento da Tragédia* ou helenismo e pessimismo. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

Ano II, número 1, jan.-jun. 2009

NIETZSCHE, Friedrich W. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1977.

Bibliografia adicional

DELEUZE, G. *et al. Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Org. e rev. Scarlett Marton. Trad. Milton Nascimento e Sônia S. Golberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e a música*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Trad. Joaquim L. Duarte Peixoto. 2. ed. Lisboa: Presença, 1988.

FONSECA, Thelma Lessa da. Nietzsche: crítica à linguagem como crítica moral. *Discurso*, v. 25, p. 97-119, 1995.

GIRORDOT, Rafael Gutiérrez. *Nietzsche y la filología clásica*. Buenos Aires: EUDEBA - Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1966. (Colección Ensayos).

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTON, Scarlett. Por uma genealogia da verdade. *Discurso*, v. 9, p. 63- 80, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich W. *Da retórica*. Lisboa: Vega, 1995.

Trilhas Filosóficas